

Dois vôos para uma insígnia de prata

Francisco de Almeida

Diz-se que o hábito faz o monge; a meteorologia será, por essa ordem de idéias, a indumentária das insígnias. Para o iniciado à caça da primeira insígnia, até a mais espectacular meteorologia não é garantia de sucesso! Tal era a minha situação em 2000, quando ainda engatinhava nestas lides, sôfrego de aprender a cada vôo.

16.07.2000

Nos dias 14 e 15 de Julho, tectos em redor de 2600m deram-me uma oportunidade magnífica para ganhar confiança no planador e treinar navegação com mapa e bússola – recusava-me a usar GPS. A 16, decidido a obter o C de Prata, arranjei uma câmara Instamac, um barógrafo mecânico, uma declaração e selo FAI, e arranquei para Beja.

Vento de sul ou sudeste, térmicas inicialmente azuis e espaçadas e 2000 m de tecto. Afundamento constante até passar a sombra da Serra de Portel e a vertical da barragem do Alvito, onde apareceu, pontual, a térmica prevista nos livros. Vida mais alegre a partir daí e, na volta, desvio por Beja Militar onde se haviam formado cúmulos belíssimos de alinhamento irregular, sob os quais vou a 3300m e 170 km/h para não ser tragado.

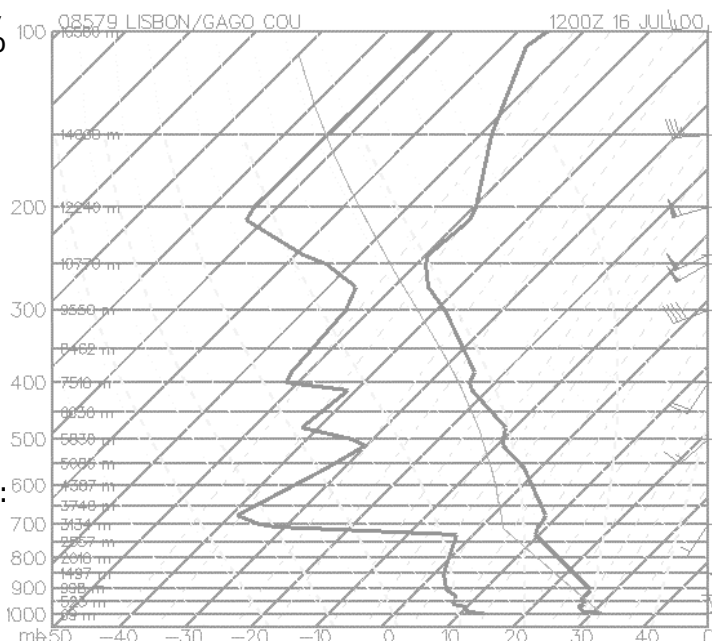
Sorte de iniciante: o ano de 2000 foi aliás 'clássico'.

Nessas condições o retorno a Évora é rápido. Chego com cerca de 3000 m e decido seguir para Montemor. Este, no azul, faz-me perder muita altura, e para alcançar a banda de nuvens que se afasta para norte vejo-me a ficar mais distante de Évora do que desejava.

Com o aparecimento dos cúmulos o padrão de térmicas parece ter-se alterado: uma banda a meio caminho entre Beja e Évora, a outra já para norte de Arraiolos e nada de entremeio. O vento parece ter rodado com o correr da tarde, as nuvens estão cada vez mais achatadas pela inversão, as bandas afastam-se para nordeste deixando Évora e todo o sudoeste em azul.

É fresco e alto sob as nuvens, tenho os pés gelados. Para não ser carregado para longe sou obrigado a dar o salto até São Manços, onde há uns farrapos que se desfazem no momento em que lá chego, despejando uma torrente de ar frio que me atira a menos de 1300 m... mais uma vez, tal como dizem os livros! Já não tenho altura para prosseguir até às próximas nuvens sobre Regengos, falta ainda quase uma hora para completar as cinco necessárias à insígnia FAI, ando só a 'apanhar chapéus', cansado e com indícios de enjôo.

Quase disposto a desistir, recorro a um cálculo mental expedito: a altura que tenho permite ainda quarenta minutos de vôo à velocidade de afundamento mínimo do Lak-12. Mudança de estratégia: desisto de lutar com farrapos, afasto-me para o azul com flaps +2 e velocidade mínima. Seguiram-se momento



mágicos, a descer lentamente numa atmosfera quase imóvel. Ao atingir os 600 metros, o planador parece ter decidido ficar-se por aí, não queria descer mais, e ultrapassei as cinco horas regulamentares com uma boa margem. A aterragem foi pouco elegante. Extenuado, não reagi suficientemente à componente lateral do vento, que rodara até estar completamente cruzado com a pista.

30.07.2000

Após essa maratona, o ganho de altura no dia 30 foi comparativamente fácil. O início do dia foi azul com térmicas de 1400 metros, muito rotas e vento de sudoeste, mas uma vez em Beja as térmicas passaram a estar próximas umas das outras e tudo se simplificou. O barograma desta parte do vôo é um plateau quase perfeito. À volta esbarro num afundamento monstruoso antes do Alvito, mas confio e lá está uma térmica forte e suave no lugar previsto pela teoria, frente à serra, na zona de contraste térmico.

Desta vez Montemor foi fácilimo - a subir em vôo rectilíneo durante a maior parte do trajecto, atinjo o tecto previsto para o dia: 2100 metros. No regresso já não encontro a linha ascendente mas com tanta altura não tenho dificuldades. Ouço o Rosado reportar 2600 metros sob nuvens à vertical de Borba - as únicas no horizonte - e corro para lá. A nuvem mais próxima desfaz-se à minha chegada mas há térmicas azuis fortes nessa zona e atinjo os ditos 2600 em meio a bigodes de gato em formação.

Pareceu-me haver uma interação entre a Serra de Ossa, perpendicular ao vento, e essas térmicas, e mais tarde lamentei não ter explorado melhor.

Segui em direcção a Estremoz e depois Évora fiando-me em boa parte na bússola. Tal como na semana anterior, a visibilidade era muito má ao nível da inversão. Interessante ver como o desvio devido ao vento foi significativo.

Novamente mais de cinco horas, desta vez sem tanto sacrifício apesar do tecto ser mais baixo. Conclusão: as térmicas menos espaçadas nos dias relativamente fracos permitiram andar com um certo à vontade, enquanto que o dia mais forte foi fantástico, mas uma roleta russa devido à heterogeneidade.

Por ironia, estes vôos inesquecíveis não me deram o C de Prata. Tomei contacto com a realidade das atitudes burocráticas da nossa representação na FAI. Meus caros, a insígnia de prata não é uma prova desportiva – essa parte é fácil – mas sim uma prova administrativa.

(a seguir: "Insígnia de Ouro")

